



Osvaldo Cabral

osvaldo.cabral@diariosacores.pt

DIÁRIO  
inconveniente

# Sem dinheiro e sem ideias

O comportamento do Governo Regional neste último ano do seu mandato será interessante de seguir, para se perceber que os cofres públicos estão vazios e que as tradicionais promessas em ciclo eleitoral vão acontecer com base em lançamentos de primeiras pedras e do sustentado discurso “agora é que vai ser”.

Quando uma empresa de segurança vai a uma audição parlamentar para se queixar de que as empresas públicas lhe devem milhares de euros, deixando os trabalhadores com salários em atraso, não está a dar novidade nenhuma.

A banca está a apertar com muitas dessas empresas públicas, que já passam do limite do razoável em termos de endividamento, socorrendo-se dos fornecedores para ir disfarçando os crónicos défices anuais.

Olhando para as contas de todas elas neste primeiro semestre, retiramos apenas o exemplo dos três hospitais, que se endividam nos fornecedores exactamente na mesma ordem do défice.

Todos eles registaram resultados negativos no primeiro semestre e todos eles, no mesmo período, registaram aumentos da conta de fornecedores, o que é uma contabilidade muito original.

O total dos resultados negativos atinge os 16,5 milhões de euros e o total dos aumentos das dívidas a fornecedores monta a 17,4 milhões de euros.

Os hospitais de Ponta Delgada e Angra do Heroísmo aumentaram as dívidas a fornecedores em 2 milhões de euros e só no caso do hospital da Horta o resultado líquido negativo não é totalmente coberto por dívidas a fornecedores.

	HDES	HSE	HH	SOMA
Resultado Líquido	-10.430.708	-3.561.430	-2.507.410	-16.499.547
Variação dos Fornecedores	11.307.611	4.684.852	1.358.776	17.351.240
Diferença	876.904	1.123.422	-1.148.634	851.692
		2.000.326		

Do quadro em análise, resulta que o hospital da Horta penaliza menos os fornecedores e o da Terceira é o que os penaliza mais.

Mas a maior penalização absoluta acontece em S. Miguel, com 11,3 milhões de euros (65% do total).

Este é apenas um pequeno exemplo de como as empresas públicas regionais estão sem capacidade financeira e a viver à custa dos atrasos de pagamentos a fornecedores, prejudicando a economia açoriana e muitas empresas e trabalhadores desta terra.

Sem dinheiro e sem ideias novas, vamos caminhando para uma estagnação cada vez mais notória, sem qualquer correspondência com o discurso político de que estamos a viver no melhor dos paraísos.

É por isso que a ajuda externa é tão premente, como os empréstimos obrigacionistas que estamos a contrair cada vez com mais frequência. Com foguetes, sinos a tocar, espumante e croquetes, no palco teatral micalense em que se tornou a política açoriana.

\*\*\*\*

**TEORIA DE POBRE** - A Secretária Regional dos Transportes, que costuma desenvolver teorias absurdas sobre o seu sector todo falido, juntou mais uma à vasta colecção de preciosidades para justificar a política ruínosa deste governo em matéria de dinheiros públicos.

Como referi, quando não há dinheiro as boas ideias também não abundam.

Depois do desastre da transportadora aérea e do afundamento no sector marítimo, faltavam os terrestres para enfeitar este trio da maravilha da via açoriana.

Disse a Senhora Secretária que “a região poupou cerca de 120 milhões com as SCUT de S. Miguel”.

A teoria é a seguinte: A Euroscut quando concorreu à concessão da estrada, “fez o seu estudo do crescimento de tráfego, e com base nesse estudo é que fixou a renda, fixou o critério de cálculo da renda. Porque esse tráfego não tem crescido de acordo com aquilo que foi previsto pela Euroscut, e tem tido um crescimento, mas bastante abaixo, isto representa uma poupança para a Região de cerca de 120 milhões de euros, desde o início do contrato, porque o tráfego não está a crescer de acordo com aquilo que era inicialmente previsto”.

É uma teoria genial, pois estamos a poupar uma coisa que não existe!

É como um doente que vai ao médico, este diagnostica-o um tumor maligno, mas ele sai da consulta todo contente porque não tem colesterol e vai poupar nos comprimidos...

O ideal, neste tipo de raciocínio, era que ninguém utilizasse as SCUT, porque assim seria ainda mais barato.

Então faz-se uma infraestrutura que custa 400 a 500 milhões e ficamos satisfeitos porque a sua utilização está abaixo do previsto?

Em teoria económica este tipo de desfecho só diz que a infraestrutura é um elefante branco para alguém ou para todos: nós que pagamos as rendas e a concessionária porque poderá perder dinheiro.

É mais um atestado à nossa falta de competitividade, como aconteceu com a DELTA.

E congratulamo-nos com isso.

Oficialmente!

